

BRANCA DIAS: UM QUIXOTE DE SAIAS E SEUS LIVROS PROIBIDOS

Ediluce Batista Silveira (UFU)¹

Resumo: Na peça “O Santo Inquérito”, escrita por Alfredo Dias Gomes, reverbera uma inquietude em relação aos acontecimentos históricos. A obra gira em torno da história de Branca Dias, uma criptojudia, leitora que é acusada de heresia. Ela é a representação de todos os indivíduos que, em períodos totalitários, indignaram-se com as injustiças sociais e, por isso, lutaram a fim de resistir a toda forma de imposição. Fiel à lei de Moisés, ela é julgada e condenada à morte pela Inquisição, sobretudo, pelo hábito de ler obras consideradas interditas pelo Santo Ofício. A protagonista gomediana transforma-se em um “quixote de saias” uma vez que, em sua biblioteca, são encontrados livros proibidos.

Palavras-chave: *O Santo Inquérito*; heresia; leitura proibida.

Escrita em 1966, a peça *O Santo Inquérito* aborda as temáticas históricas como contribuintes para a construção da obra literária. A protagonista Branca Dias é a figura mais intrigante da peça. Mulher, criptojudia “inconsciente”, leitora e, sobretudo, herege, essa personagem está entre os limites da história e integra tanto o folclore quanto o imaginário popular. Segundo Leonardo Dantas Silva (2010), em seu artigo “Uma comunidade judaica na América Portuguesa”, Branca Dias teria nascido em Portugal – no ano de 1515 – era casada com Diogo Fernandes, um dos primeiros cristãos-novos vindos de Portugal para residir no Brasil. Ele dedicava-se ao engenho de cana-de-açúcar, em Pernambuco, e fora, juntamente com sua esposa, responsável pela criação da primeira sinagoga pernambucana, mesmo diante das acusações de práticas judaizantes. É nesse sentido que, ao empregar a representação como dispositivo para se pensar no fato histórico, Dias Gomes fornece um novo rumo à história e uma nova representação à personagem.

Em *O Santo Inquérito* a *mimesis* aparece como estratégia para representação de um dado momento histórico e político. O drama gira em torno da protagonista Branca Dias, uma cristã-nova que é julgada e condenada pelos inquisidores à morte na fogueira. Seu crime? Práticas judaizantes como cumprir com os rituais judaicos e ler obras consideradas pela igreja como heréticas. Esse texto literário nos remete ao processo de colonização do Brasil, mais precisamente, em 1750. No entanto, a peça é escrita em 1966, em pleno período militar, como forma de revelar a indignação do dramaturgo em

¹ Ediluce Batista Silveira. Graduada em Letras (UFU), Mestre em Estudos Literários (UFU). Doutoranda em Estudos literários (UFU). Contato: eisaluzjc@gmail.com.

relação à repressão generalizada, particularmente no campo das ideias. O jogo de temporalidades contribui a fim de que o leitor perceba a presença do espelhamento entre esses dois momentos históricos.

Para a história, Branca Dias foi, conforme o historiador Luiz Carlos Villalta (1997) - no ensaio “O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura” - a primeira preceptora que possuía em sua casa uma escola de corte e costura destinada às filhas dos colonos. Ronaldo Vainfas e Juliana Beatriz de Souza (2002), na obra *Brasil de todos os santos*, analisam a figura de Branca Dias como sendo “o emblema da intolerância inquisitorial e a possibilidade concreta de que os cristãos-novos ‘judaizavam’ de fato, agindo como criptojudeus” (VAINFAS e SOUZA, 2002, p. 27). É notório que, para a literatura, a representação dessa personagem identifica traços de uma cultura relegada pela igreja católica, durante o período colonial, como profana aos valores de um momento histórico; enquanto, durante o período ditatorial, a filha de Simão Dias simboliza o indivíduo subversivo, isto é, aquele que não se conforma com a repressão.

Diante da imagem relevante dessa protagonista, várias “brancas dias” foram surgindo modificadas pelo imaginário e pela arte brasileiros. Uma delas retrata sobre a personagem Branca Dias, que nasceu, segundo o historiador paraibano Ademar Vidal, na capital da Paraíba em 15 de julho de 1734 e morreu no auto-de-fé em Lisboa no dia 20 de março de 1761. O também historiador Elias Lipiner (1969) afirma que Branca Dias e Diogo Fernandes realmente existiram e que, em 8 de outubro de 1591, segundo denúncias, soube-se que, “na capitania de Pernambuco, João Dias e seu pai Manoel Dias, Branca Dias e seu marido Diogo Fernandes, vieram degredados e penitenciados pelo Santo Ofício de Portugal, tendo Diogo Fernandes morrido na lei de Moisés” (LIPINER, 1969, p. 16).

Inspirado nesse último relato, Dias Gomes escreve a peça “O Santo Inquérito” (1966) cujo interesse era pensar não na verdade histórica em si, mas nas representações das veracidades humanas e em suas consequências. Miriam Halfim publica, em 2005, a peça *Senhora do engenho*. Além da dramaturgia, Branca Dias se faz presente nas lendas como *A lenda da Lagoa da Prata*, na canção intitulada *Branca Dias*, de Edu Lobos e no cinema com o longa-metragem *O rochedo e a estrela*, sob a direção de Kátia Mesel. Além dos relatos orais, da tradição registrada em escritos históricos, das peças, da

música, Branca Dias reaparece no poema de mesmo nome, de Carlos Drummond de Andrade. O objetivo deste artigo é analisar a leitora subversiva Branca Dias, as consequências do ato de ler para o indivíduo.

Branca Dias: uma leitora subversiva

A educação feminina nunca esteve ligada ao conhecimento, no entanto a protagonista da peça “O Santo Inquérito”, do dramaturgo Dias Gomes rompe as barreiras e revela que cabe à mulher o direito ao saber e ao questionamento. O fato de ser de origem judaica contribuiu, significativamente, para a identidade de Branca Dias, pois, se se analisar as questões culturais, o judeu tem um apreço incomum pela cultura e, por conseguinte, pelo conhecimento. A necessidade de perpetuar sua história, seus rituais por meio da leitura da Torah, reforça a importância do ato de ler para esse grupo social. Alberto Manguel (1997) advoga em *Uma história da leitura* que, para os judeus, essa ação faz parte de uma espécie de “contrato social” que é assinado desde criança por meio do ritual de passagem. Ainda acrescenta:

Em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação, de passagem ritualizada para fora de um estado de dependência e comunicação rudimentar. A criança, aprendendo a ler, é admitida na memória comunal por meio de livros, familiarizando-se assim com um passado comum que ela renova, em maior ou menor grau, a cada leitura. (MANGUEL, 1997, p. 89-90)

Por meio desse “contrato” de leitura, o judeu possui autonomia suficiente para aproximar-se de Deus. Uma analogia é possível ser feita: Deus entregou ao ser humano, representado por Moisés, as leis para guiar o povo, então, essa legislação sugere a ordem do sagrado assim como a leitura que a acompanha. Em “As leituras nas comunidades judaicas da Europa Ocidental na Idade Média”, Robert Bonfil (2002) relata ser o livro um objeto mágico-religioso, um instrumento de comunicação pela leitura; uma relíquia destinada à devota adoração contemplativa. Nesse sentido, a obra assume um espaço mais sacralizado, já que aproxima o homem de Deus e, por isso, ela não deve ser analisada apenas como “reservatório de conteúdo”, mas como estratégia de aproximação entre um ser divinizado e um ser humano.

A prática assídua da leitura corrobora a fim de que o indivíduo racionalize os fatos, questionando sobre eles e interferindo criticamente nas circunstâncias. Eis os

efeitos da leitura no comportamento de Branca Dias. Esses resultados também são encontrados em *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes uma vez que, como leitor, o Cavaleiro da Triste Figura deixa-se impregnar pelos eventos lidos e ressignifica sua história, escapando da realidade onde está inserido.

A biblioteca de Branca Dias era constituída pelas seguintes obras: a novela de cavalaria *Amadis de Gaula* (1508) - escrita por Garcí Rodríguez Montalvo; *Metamorfoses* (8 d.C.) - poesias de Ovídio; a peça teatral escrita por Jorge Ferreira de Vasconcelos (1555) – *Comédia de Eufrosina* e, por fim, o livro sagrado, a Bíblia escrita em vernáculo. Cada um desses livros corroborou a fim de construir a identidade leitora e subversiva de Branca Dias uma vez que fica evidente os efeitos promovidos pelo ato de ler.

O predomínio dos deuses mitológicos, a presença de um título que coloca em evidência a necessidade de transformação em torno do cosmo cuja manifestação divina foge ao conceito monoteísta, a influência de um novo modo de pensar infundiria no indivíduo novas formas de se conceber o mundo e as relações tanto humanas quanto divinas: eis efeitos da obra *Metamorfoses* de Ovídio. Além disso, há uma transformação no discurso de Branca Dias: em alguns episódios da obra, esse protagonista emprega uma linguagem mais poética, repleta de significações, capaz de unir a simplicidade à complexidade de alguns conceitos, como a definição de Deus:

O mais importante é que eu sinto a presença de Deus em todas as coisas que me dão prazer. No vento que me fustiga os cabelos, quando ando a cavalo. Na água do rio, que me acaricia o corpo, quando vou me banhar. No corpo de Augusto, quando roça no meu, como sem querer. Ou num bom prato de carne-seca, bem apimentado, com muita farofa, desses que fazem a gente chorar de gosto. Pois Deus está em tudo isso. (GOMES, 2009, p. 30-31)

A recriação da linguagem, sobretudo aquela empregada por Branca Dias, contribui para o processo de desestabilização do instrumento linguístico como elemento importante do discurso a fim de construir imagens a partir de um sentimento animador. Essa protagonista, ao longo, da peça mostra um horizonte de expectativa que extrapola o universo religioso, por isso, os inquisidores a julgam como uma herege. A leitura da obra ovidiana contribuiu também a fim de que houvesse o questionamento acerca da criação do universo proposta pelo texto bíblico, posto que o conceito cosmogônico de

Ovídio abrange, assim como a *Teogonia* de Hesíodo, a presença do politeísmo, promovendo as dúvidas acerca não só da criação do universo, mas também de outras noções como a de amor.

Na peça de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1555) *Comédia de Eufrosina*, Branca Dias amplia ainda mais seu horizonte de expectativa. Como a comédia é um gênero em que o riso é elemento fundamental, há – na concepção da Igreja, sobretudo, a medieval – a noção de que o riso desestabiliza, promove o desequilíbrio e afasta o indivíduo de Deus, por isso é uma leitura profana. Além disso, a personagem Eufrosina tem qualidade inesperada para uma mulher do século XVI: é rica, bonita e recatada, mas descrita como uma deusa do Olimpo. A obra aborda questões do cotidiano português, principalmente, acerca da condição da mulher questionando-a e fornecendo ao feminino um poder, uma autoridade que é transferida à Branca Dias por meio das formas de enfrentamento que ela possui em relação à realidade.

Intrigante analisar que em ambas as peças – *O Santo Inquerito* e *Comédia de Eufrosina* há uma reflexão sobre a questão de gênero: a mulher do século XVI não possuía nenhum direito, era relegada a segundo plano e vivia sob o domínio patriarcal. Ainda hoje é possível notar que o feminino é um Outro e que precisava lutar por seus direitos. Em *O segundo sexo*, Simone Beauvoir (2000) advoga:

Dizer que a mulher era o Outro equivale a dizer que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade: Terra, Mãe, Deusa, não era ela para o homem um semelhante; era além do reino humano que seu domínio se afirmava: estava portanto fora desse reino. A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens. (BEAUVOIR, 2000, p. 91).

É notório, então que o Outro para o homem traduz uma condição de inferioridade, já que ele não é o seu semelhante, isto é, o próprio homem. Isso prova o domínio do homem em relação ao sexo oposto. A construção da mulher como o Outro é estabelecida tanto por meio da fraqueza biológica, quanto das questões psicológicas e históricas. O fato de se acreditar que o homem é razão e a mulher, emoção; que o homem é quem mata e, por isso, guerreiro, e a mulher quem dá a vida, por exemplo, marca alguns estereótipos que tornam o feminino um ser estritamente submetido à espécie e o masculino um indivíduo reinante e soberano.

Amadis é o protagonista principal da novela de cavalaria *Amadis de Gaula*, escrita por Garcí Rodríguez Montalvo em 1508. A literatura cavaleiresca foi acusada por incitar no leitor, em demasia, a fantasia e a imaginação além de promover um desvio de conduta, sobretudo, dos padrões religiosos. Eram propagadas por meio desse gênero perversões morais, já que os jovens, principalmente as mulheres, poderiam beber, aventurar-se e adquirir uma desenfreada fantasia que os afastaria tanto das suas verdadeiras obrigações como da sua devoção religiosa. Esses desvios são encontrados nos leitores Branca Dias e Dom Quixote. Este por buscar confundir realidade e ficção por meio das leituras desse tipo de gênero aquela por apropriar-se de tamanho espírito de aventura e de ousadia a ponto de entregar-se à morte a fim de comprovar a sua honra. É evidente que, por muito tempo, esse gênero esteve relegado à inferioridade, se comparado à épica ou à lírica, por exemplo, pelo fato de instituições como a Igreja considerarem as ideias veiculadas nos textos de cavalaria perturbadoras à alma.

O contato com a Bíblia trouxe a Branca Dias uma nova perspectiva de mundo, uma vez que o recurso de plurissignificação fica evidente em textos canônicos. Segundo Branca Dias “Se um texto da Sagrada Escritura pode ter duas interpretações opostas, então o que não estará neste mundo sujeito a interpretações diferentes?” (GOMES, 2009, p. 60). David Harlan (2000) no artigo “A história intelectual e o retorno da literatura” advoga:

Textos canônicos têm qualidades não detectáveis exceto num momento apropriado no futuro. Eles geram novos modos de ver coisas velhas, e novas coisas que nunca vimos antes. Não importa o quão sub-repticiamente ou o quão radicalmente mudemos nossa abordagem em relação a eles, eles sempre responderão com algo novo; não importa quantas vezes nós os reinterpretamos, eles sempre têm algo iluminador a dizer-nos. Sua própria indeterminação demonstra que eles jamais podem ser exauridos. (HARLAN, 2000, p. 43).

As leituras bíblicas realizadas por Branca Dias contribuíram para que ela não só conhecesse, mas também construísse a sua exegese dos textos lidos. Isso proporcionou à protagonista um poder de argumentação contra os inquisidores. Em outra passagem da peça, ao solicitar que a filha de Simão Dias ajoelhe-se, ela responde: “Foi o que aprendi na doutrina cristã: somente diante de Deus devemos nos ajoelhar com ambos os joelhos (...) Sempre soube que era pecado” (GOMES, 2009, p. 95). Há vários momentos da

peça que a filha de Simão Dias se sente motivada a questionar os inquisidores, pois suas práticas contradizem aquilo que é previsto no cânone.

Inspirada nas interferências provocadas pela leitura, Branca Dias assume-se na condição de produtora de sentido, pois ela (re)cria uma nova realidade, de acordo com a experiência dessa leitora. É por meio do pré-conhecimento adquirido pelo sujeito na qualidade de leitor que surge a possibilidade de estabelecer uma rede de sentidos viáveis ou impossíveis, mas que revelam a capacidade individual de discutir, de questionar, de legitimar poder. Nesse sentido, regimes totalitários sentem-se ameaçados por figuras que lutem em detrimento da igualdade de direitos, como a filha de Simão Dias.

Ao ler, sobretudo as novelas de cavalaria e a Bíblia, posto que esses textos aproximam Branca Dias e Dom Quixote, este fidalgo não representa apenas um leitor que, fascinado pelas leituras, vive-as intensamente, mas é possuído pelo texto, pois cada letra, cada palavra torna-se parte de seu “eu”. Por isso, esse fidalgo assume efetivamente a sua condição de leitor, uma vez que está livre e desprendido de qualquer imposição em relação às formas de interpretar uma obra. De leitor, o personagem cervantino passa a compartilhar novas perspectivas do mundo. Branca Dias, enquanto uma leitora subversiva, por não se conformar com as imposições e buscar na leitura uma forma de combatê-la, transfigura-se em um quixote de saias. No entanto, a sanidade a acompanhou em sua *via crucis*, posto que a realidade não lhe pareceu camuflada. Ela resistiu até onde pôde, por isso se tornou uma arma de intelectualidade, de incômodo para a ordem vigente a fim de combater toda e qualquer manifestação de dominação.

Consoante Eduardo Frieiro - na obra *O Diabo na livraria do cônego* - “Em todas as partes e em todos os tempos, as autoridades criaram óbices à circulação dos escritos tidos como perigosos, o que entretanto nunca impediu que tais escritos fossem lidos e até às vezes muito lidos” (FRIEIRO, 1981, p. 19). Mesmo diante da ameaça de que poderia perder a vida, Branca Dias não esmorece e prefere a liberdade para deixar na história a importância de lutar pela dignidade à omissão, uma vez que seria para ela a ausência de honra.

Todas as leituras realizadas por Branca Dias, enfim, fazem dela um “quixote de saias”, pois favoreceram que essa protagonista se apropriasse de novas ideias, novos pensamentos e, insatisfeita com a sua realidade, pudesse questioná-la e transformá-la.

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Volume 1. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FEITLER, Bruno. *Duas faces de um mito*. *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Ano 1, número 10, ago. 2004.
- FRIEIRO, Eduardo. *O Diabo na livraria do cônego*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- GOMES, Dias, *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- HARLAN, D. A história intelectual e o retorno da literatura. In: RAGO, M.; GIMENES, R. (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2000.
- JOFFILY, José. *Nos tempos de Branca Dias*. Londrina: Pé Vermelho, 1993.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MONTALVO, Garci Rodríguez de. *Amadis de Gaula*. Madrid, Catedra, 2008.
- NISKIER, Arnaldo. *Branca Dias: o martírio*. Rio de Janeiro: Consultor, 2006.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad.: Domingos Lucas Dias. São Paulo. Editora 34, 2017.
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*. Edição bilíngue, Trad.: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2002.
- SILVA, Leonardo Dantas. Uma comunidade judaica na América Portuguesa. Disponível em: <http://raptureaprophesiedevent.blogspot.com.br/2010/06/uma-comunidade-judaica-na-america_09.html> Acesso em: 12 out. 2012.
- VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- VASCONCELOS, Jorge Ferreira de. *Comédia Eufrosina*. Lisboa, Edições Colibri, 1998.
- VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. (org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

